

O ibope da inflação

ELIANE CANTANHÊDE

BRASÍLIA — Se o ministro da Justiça, Oscar Corrêa, foi realmente picado pela mosca azul da sucessão presidencial, essa mosca acaba de se afogar nos pratos de camarão que ele ofereceu em sua residência de Brasília, anteontem à noite, ao empresário Arthur Sendas e a parlamentares de quatro partidos. Ninguém falou na eventual candidatura do ministro, como, de resto, o prato quente não foi política, nem camarão. Foi a situação econômica do Brasil.

Tal como milhares de brasileiros pelo País afora, ministro, empresários e parlamentares sucumbiram à irresistível tentação de discutir a nova escalada inflacionária, o sinal amarelo do desabastecimento e o perigo dos distúrbios de rua, sobretudo em ano eleitoral. O jantar era puramente social, mas o senador Affonso Camargo, candidato a candidato do PTB, nem esperou a sobremesa para falar sobre o indigesto — e para ele inviável — binômio crise-eleição.

Camargo pontilhou sua falta com termos dramáticos, como "caos", "distúrbios", "confronto", "falta de credibilidade do governo". Tudo para justificar sua tese favorável a um "pacto de paciência" entre capital e trabalho até a eleição e posse do futuro presidente. "Sem isso, correremos o risco de não haver eleição", desafiou o senador, provocando a reação conciliadora de Sendas, dono de expressivo conglomerado de supermercados com base no Rio de Janeiro.

"Eu estou entre os brasileiros que acreditam no Brasil e investem no Brasil", apresentou-se o empresário, frisando que está despejando 60 milhões de dólares em Minas Gerais. Na sua avaliação, a área de abastecimento só preocupa em relação a dois produtos básicos: o arroz e o feijão.

Para Sendas, "a situação

econômica não é boa, mas também não é alarmante". Aproveitando a deixa, o ministro da Justiça informou a seus convidados que na mesma tarde, em reunião no Palácio do Planalto, pedira aos ministros da área econômica que tomassem medidas urgentes para conter a inflação. Só não especificou quais medidas.

O tom apocalíptico de Affonso Camargo não teve muita ressonância no jantar, onde o consenso foi mais para Sendas e Oscar Corrêa: a situação não é boa, mas há índices favoráveis — como balança comercial, nível de investimentos e até de empregos.

O convite para o jantar, feito pelo deputado Oscar Corrêa (PFL-MG), filho do ministro da Justiça, veio acompanhado de uma perguntinha nada sutil: "Você acha que a candidatura do meu pai é viável?" — indagou ele a seus pares, no Congresso, ao longo da semana. E ninguém estranhou. O apoio do Palácio do Planalto a Aureliano Chaves, do PFL, está longe de parecer convincente. Tanto que o presidente Sarney acaba de vetar o artigo da lei eleitoral que obrigava os candidatos a prazos de filiação partidária, como acaba de receber uma nova recusa do empresário Antônio Erminio de Moraes para entrar no páreo. Está claro, portanto, que o Planalto está à procura de um nome. Está claro, também, que Oscar Corrêa gostaria de ser esse nome.

No jantar, contudo, o desejo ficou elegantemente reprimido. Estavam presentes representantes do PMDB ulysista, do PMDB governista, do PFL aurelianista, do PFL dissidente, do PTB e até do pequeno PDC. O único rasgo presidencial de Oscar Corrêa foi no meio da discussão da crise econômica: "Eu sou um homem de fé", discursou ele nessa roda, em que os índices de inflação foram mais fortes do que os índices da sucessão. Uma sucessão onde os espaços já estão devidamente loteados.